

Investigação naturalista em contextos recreativos – usos de substâncias, segurança e violência.

M. Carmo Carvalho

Faculdade de Educação e Psicologia

Universidade Católica Portuguesa

mccarvalho@porto.ucp.pt

Introdução

Partindo da problemática da relação entre o sector juvenil e o fenómeno droga, propomo-nos apresentar um trabalho em curso, integrado num projecto mais alargado que põe em perspectiva o carácter transgressivo de que os usos de drogas se têm revestido no contexto português - caracterizado até meados dos anos 90 pela centralidade do “problema da heroína” e pelas conhecidas associações “droga - ilícito”, “droga - juventude”, produzidas pelo *dispositivo politico-moral* de intervenção no fenómeno (Agra, 1993), num contexto jurídico-penal dominado pelo modelo proibicionista. Deste modo, e partindo da informação epidemiológica disponível, que parece apontar no sentido de transformações ao nível das substâncias de eleição, padrões de uso e características dos consumidores, nos contextos nacional, europeu e norte-americano¹, é nossa intenção desenvolver investigação que aprofunde a hipótese de estarmos actualmente perante um novo tipo de actor juvenil consumidor de substâncias, em que o sinal mais evidente dessa transformação pode ser encontrado nos *novos usos de drogas em meio festivo* (cf. por e.g. Carvalho, 2007; Pallarés et al, 2007; Díaz, Pallarés e Barruti, 2002 e 2004; Gamella e Roldán, 1999).

Essa circunstância, remetendo-nos para contextos de uso que abandonam a associação do fenómeno a cenários de exclusão e marginalização social e à experiência urbano-degradada da heroína (Fernandes, 2002), levanta diversas questões ao estudo dos usos de drogas entre a população juvenil, entre as quais destacamos:

- (i) A necessidade de uma sinalização e identificação dos contextos que, na esfera recreativa, se apresentam como mais relevantes na associação entre

¹ Pallarés et al, 2007; Carvalho, 2007; IDT, 2006 e 2005; Relvas, Lomba e Mendes, 2006; Martins, Mazzoti e Chilcoat, 2005; Fernandes, Carvalho e Tinoco, 2004; Chaves, 2003; Henriques, 2003; Díaz, Pallarés e Barruti, 2002 e 2004; Calafat et al, 2001; EMCDDA, 2001

novos usos de drogas e actor juvenil, na sua diversidade e polimorfismo (*meio festivo*);

- (ii) O reconhecimento de que a informação epidemiológica produzida a partir do meio escolar² não esgota o conhecimento necessário sobre os novos usos de drogas associados à população juvenil, tornando-se necessária uma abordagem que sinalize e dê conta das transformações mais significativas que ocorrem a partir dos contextos recreativos. Enfatiza-se, deste modo, a centralidade destes contextos para a produção de *investigação epidemiológica de recorte naturalista* (Agar, 1996 e 2003; Ingold e Toussirt, 1994; IREP, 1992), que consideramos incontornável na caracterização das transformações do uso de drogas entre os actores juvenis, à semelhança do que já vai acontecendo noutros países europeus e particularmente em Espanha, na região da Catalunha (Pallarés et al, 2007a; Pallarés et al, 2007b; Díaz, Pallarés e Barruti, 2002 e 2004);
- (iii) Testar a aplicabilidade de uma compreensão dos usos de drogas entre a população juvenil a partir da hipótese de *normalização* que estes usos assumem actualmente entre os jovens, e que tem vindo a ser referida na investigação que toma por objectos os fenómenos do *raving* e do *clubbing* no contexto anglo-saxónico (Parker, Aldridge e Measham, 1998; Parker, 2005; Duff, 2005 e 2003; Gamella e Roldán, 1999).

I – Quadro teórico

Do ponto de vista teórico, julgamos que esta linha de trabalho nos obriga a reflectir sobre um conjunto de questões e debates que passamos a resumir.

1. O actor juvenil no discurso das ciências sociais

Do nosso ponto de vista, qualquer abordagem aos fenómenos juvenis na actualidade não pode passar ao lado da reflexão sobre o impacto da modernidade na própria definição da juventude como fase da vida. Sabemos que este é um movimento histórica e socialmente interferido, e para o qual se podem identificar contributos de diversas áreas disciplinares, desde a História (cf. por e.g. Ariès, 1988), à Antropologia (cf. por e.g. Mead, 1928; Feixa, 2005 e 1999), Sociologia (cf. por e.g. Coleman, 1961;

² Por e.g. Matos & Equipa do Projecto Aventura Social e Saúde, 2006; IDT, 2006; Negreiros, 2006, 1997 e 1996; Hibell et al., 2004 cit in IDT, 2005

Galland, 1997) ou Psicologia. Desta última encontramos uma evolução considerável, desde as primeiras referências científicas conhecidas (cf. Hall, 1904), até uma diversidade de propostas que seguem de par com os principais movimentos da história do pensamento psicológico - abordagens psicanalítica e psicodinâmica, comportamental, cognitivista e sistémica – todas elas contribuindo com a sua visão do que é a juventude e seus processos de adaptação e desenvolvimento. Cada um destes domínios tem apresentado a sua definição de adolescência e juventude que nos têm vindo a oferecer, durante grande parte do séc. XX, uma visão bastante consensual do que é esta fase da vida.

No entanto, e fruto do reconhecimento do carácter socialmente construído do conceito de “juventude” (Bourdieu, 1984), algumas interrogações se levantam necessariamente. Os dados estatísticos disponíveis descrevem-nos, quer para o contexto português (Ferreira, 2006; Azevedo e Fonseca, 2006) quer ao nível europeu (cf. por e.g. Observatório de la Juventude en España, 2007 e 2006), um cenário social alargado com que se confronta a experiência juvenil, e que acarretará necessariamente uma transformação no acesso e vivência das tarefas classicamente associadas à autonomização e entrada para a vida adulta. Deste modo, somos levados a reflectir sobre os desafios que questões como o emprego, as alterações na estrutura e composição familiar, na relação com o risco, a saúde e a transgressão, entre outras, levantam ao actor juvenil contemporâneo (Carvalho, 2007).

Nas suas reflexões sobre as sociedades do capitalismo avançado, autores como G. Lipovetsy (1983), Ch. Lasch (1979) ou A. Touraine (1992) anunciaram como a *pós-modernidade* estaria a ameaçar os fundamentos da moderna civilização ocidental, erigida em redor do racionalismo das Luzes, em redor do primado da comunidade e em redor dos mecanismos de controle social da sociedade disciplinar...³ (Carvalho, 2007). São reflexões que têm em comum também o facto de encerrarem, por consequência, uma visão céptica e pessimista sobre o rumo que tomaria a civilização ocidental e, por consequência, também sobre o actor juvenil.

Ora, do nosso ponto de vista, os dados de que dispomos actualmente sobre a experiência juvenil permitem questionar a direcção anunciada por estes autores. Os jovens de hoje lidam de forma criativa com os obstáculos que se levantam a uma

³ Tal representa, do nosso ponto de vista, o que apresentam em comum as referências ao “processo de personalização”, à “personalidade narcísica” ou à “desmodernização”, de Lipovetsky, Lasch e Touraine,, respectivamente.

inserção no mercado de emprego; encontraram formas, igualmente criativas, para financiar a sua autonomização; experimentam novos modelos de composição familiar e parentalidade como forma de satisfazer as suas necessidades de vida conjugal e parental num contexto de clara adversidade; não deixaram de correr riscos, mas integraram-nos no seu modo de vida⁴... Em suma, dão mostras de um claro desejo de adaptação, numa conjuntura altamente desfavorável, o que nos deve obrigar a reflectir sobre o discurso do “défice” de que habitualmente são alvo, protagonizado não só pela ciência mas também pelos poderes públicos.

2. *Juventude e fenómeno-droga: da transgressão à normalização*

Situando-nos agora do ponto de vista da relação entre o actor juvenil e a alteração de consciência, também aqui julgamos necessária reflexão sobre a forma como até ao momento temos vindo a falar da associação entre os dois fenómenos. Os dados epidemiológicos e a investigação naturalista na área das drogas reportam alterações significativas, que encerram na opinião de muitos uma inversão de tendências, no que toca a substâncias mais consumidas, padrões da sua utilização, tecnologias de ingestão, contextos de uso, etc. O nosso ponto de partida reside em saber em que medida tais transformações implicam o actor juvenil e o meio festivo, num contexto em que, no nosso país, a informação disponível continua a assentar quase exclusivamente em inquéritos à população geral e em meio escolar.

A investigação em *psicologia do comportamento desviante* foi modificando, ao longo das últimas décadas, a sua concepção sobre a relação entre usos de drogas e sector juvenil. Deste modo, sintetizaríamos a associação entre ambos em três momentos/conceitos centrais: (i) abordagens assentes numa *explicação transgressiva*; (ii) abordagens assentes nas teses da *resistência através dos rituais* – ponto de ruptura; (iii) abordagens assentes numa *explicação normalizadora*. Sob cada um destes grandes domínios (e, talvez de forma mais evidente, no caso do primeiro) albergam-se modelos e perspectivas muito heterogéneas no que diz respeito aos seus domínios disciplinares de origem e pressupostos epistemológicos de base...

(i) *Abordagens assentes em explicações transgressivas*. Sob a alçada do conceito de *transgressão*, pensamos haver lugar à referência a todas as abordagens que, no domínio

⁴ Em Portugal, nos últimos 15 anos, tem vindo a diminuir a percentagem de jovens entre as estatísticas da sinistralidade rodoviária, na sinistralidade associada ao lazer, no contágio por VIH/SIDA e nas mortes por consumo de drogas (Ferreira, 2006).

do Comportamento Desviante, ofereceram sobre a juventude em geral, e sobre a sua relação com a alteração da consciência em particular, explicações sobre a natureza, motivações ou consequências dos seus comportamentos transgressivos. Estas explicações ora se ancoram em abordagens mais centradas no contexto (urbano), estrutura e funcionamento da sociedade (cf. por e.g. Escola de Chicago, A. Sutherland, R. Merton, A.K. Cohen, Cloward e Ohlin, D. Matza, H. Becker, J. Young, S. Cohen, Zinberg, Preble e Casey, etc.); ora aprofundam variáveis biológicas e psicobiológicas (cf. por e.g. T. Moffit, H. Eysenck; etc.); ora se aproximam de variáveis mais psicológicas e psicossociais (cf. por e.g. Kandel, Jessor e Jessor, Duncan Stanton; etc.); ora se aproximam da natureza biopsicossocial e subjectivamente significada dos usos de drogas ao longo da trajectória pessoal do sujeito/actor social (cf. por e.g. Ch. Debuyst, F. Digneffe, C. da Agra, etc.).

Arriscaríamos dizer, admitindo os riscos de simplificação em que qualquer exercício deste género incorre, que o denominador comum a estas abordagens tão diversas entre si reside no reconhecimento de que o acto de usar drogas encerra sempre uma forma de transgressão, ainda que a explicação para este possa ser encontrada em fontes tão diversas como a natureza socialmente construída de qualquer forma de desvio e o papel do controlo social e suas instâncias normalizadoras na produção de desviância; a química das substâncias e consequências da sua interacção com o Sistema Nervoso Central; ou as características do sujeito, sua personalidade, biografia ou trajectória de vida...

(ii) *Abordagens assentes nas teses da resistência através dos rituais – ponto de ruptura.* Referímo-nos particularmente às *teses da resistência através dos rituais* (Hall e Jefferson, 1975) e aos contributos do *Centre for Contemporary Cultural Studies* de Birmingham. Esta referência e o seu estatuto de “ponto de ruptura” justifica-se na medida em que a Escola de Birmingham interrompe, com a sua nova formulação do conceito de “subcultura juvenil” e com a tese da *resistência* (ainda que excessivamente dependente da questão da “classe social”, delimitada de forma assumidamente ideológica), a tradição das explicações para os modos de estar juvenis (incluídos aqui os usos de drogas) ancoradas num pressuposto transgressivo de base. Em alternativa, Birmingham vem salientar a importância da dimensão expressiva e socialmente metafórica que essas práticas encerram, com uma consequência – usos de drogas, estilos visuais de estética exuberante, rebeldia e inconformismo perante as regras e valores

sociais dominantes deixam de ser teorizados como desviância e transgressão, para passarem a ser entendidos como resistência e expressão (cf. Carvalho, 2007).

(iii) *Abordagens assentes numa explicação normalizadora* Esta é a proposta compreensiva de aparecimento mais recente e que é objecto da atenção do trabalho em curso. Actualmente são cada vez mais frequentes as referências aos usos de drogas entre a população juvenil como comportamentos relativamente aos quais é útil uma explicação que se afaste do cenário do “*folk devil*” (McRobbie, 1993), e se aproxime da tese da *normalização*. Emergente de investigação anglo-saxónica sobre as trajectórias de usos de substâncias entre os jovens britânicos (Parker, Alridge e Measham, 1998; Parker, Williams e Alridge, 2002), esta tese tem vindo a ser cada vez mais solicitada a explicar os novos usos de drogas pela juventude e a associação destes aos contextos recreativos (cf. por e.g. Pearson, 1999; Critcher, 2000; Shildrick, 2002; Gourley, 2004; Sanders, 2005; Duff, 2005 e 2003; Dobson, Brudalen e Tobiassen, 2006). Tal parece-nos ser grandemente motivado pela necessidade de dar conta de novos contextos, substâncias e padrões de uso, cada vez mais postos em evidência pela epidemiologia, e que parecem contrariar a tendência anterior de uso problemático de heroína associado a contextos urbano-degradados de marginalização social.

Resultante de uma monitorização constante que deu conta do aumento do consumo de substâncias entre a população juvenil britânica, a investigação que originalmente apresenta o conceito (Parker, Alridge e Measham, 1998) assinala outras importantes dinâmicas relacionadas com o uso de drogas entre os jovens. Para além das elevadas taxas de consumo, este estudo longitudinal reportou um aumento da acessibilidade às substâncias; longas carreiras de consumo recreativo de álcool e outras drogas; uma acomodação/aceitação social do consumo mesmo entre jovens abstinentes; evidências (nomeadamente a partir dos media) de aceitação cultural do consumo recreativo; entre outras (Parker, Alridge e Measham, 1998; Parker, 2005). Os autores adoptam o *conceito de normalização*, desenvolvido inicialmente a partir do estudo de jovens com dificuldades de aprendizagem, e definido genericamente como conceito para designar “indivíduos ou grupos estigmatizados ou desviantes, que se integram em muitas dimensões da vida quotidiana, e em que as suas identidades ou comportamentos se tornam progressivamente acomodados e porventura valorizados” (Wolfensberger, 1972, 1980 e 1984 cit in Parker, 2005, p.205). Rejeitando encarar a normalização como

“paradigma teórico” ou instrumento ideológico⁵, os autores afirmam antes o potencial do conceito como enquadramento para “a monitorização de atitudes e comportamentos relativos às transformações no uso e utilizadores de drogas ilegais ao longo dos tempos” (Parker, 2005, p. 206) e assinalam cinco dimensões principais da sua operacionalização: (i) disponibilidade e acessibilidade a drogas ilícitas; (ii) taxas de experimentação de substâncias na adolescência; (iii) usos de drogas recentes e regulares; (iv) acomodação social do uso recreativo ilícito de drogas; (v) acomodação cultural.

No trabalho em curso que abrimos à discussão, é nossa intenção operacionalizar o conceito de normalização na caracterização dos usos de drogas pela população juvenil em Portugal, apostando nos contextos recreativos como ponto de partida para a recolha empírica. O estudo “Caracterização do meio festivo a partir do norte de Portugal” é primeiro momento deste trabalho, que começa por desenvolver uma caracterização exaustiva da diversidade de contextos e participantes em diversas tipologias de eventos nocturnos, identificados empiricamente e indutivamente. Não sendo ainda suficiente a informação que resultará deste primeiro estudo para aferirmos da pertinência ou não do conceito de normalização aplicado aos usos de drogas pelo sector juvenil em Portugal, esta é uma primeira abordagem de investigação sistemática ao ócio nocturno associado ao lazer juvenil em Portugal, num contexto em que a informação disponível sobre os usos de substâncias nesta população continua a desprezar largamente o contributo da “festa” e suas particularidades.

Efectivamente, o meio festivo português, seus participantes e actividades de lazer, seus padrões de uso de substâncias e comportamento violento, permanecem ainda insuficientemente caracterizados. Deste modo, julgamos com esta abordagem poder contribuir para: (i) o desenvolvimento de conhecimento básico e sistemático sobre os contextos recreativos, identificando tipologias que traduzam a sua diversidade; (ii) abrir caminho para um segundo estudo que visará a recolha de dados sobre padrões de uso de drogas pela população juvenil, partindo das tipologias de eventos previamente identificadas; (iii) contribuir para o ajustamento de estratégias de redução de riscos.

⁵ Parker (2005) refere mesmo, “o conceito de normalização permanece neutro sobre as mudanças encontradas [nos padrões de uso de drogas] – não é um instrumento ideológico, mas apenas um barómetro dessas mudanças” (p.208).

II – Método

Foram sinalizados, a partir de uma diversidade de estratégias, 1037 eventos, numa base semanal, entre Março de 2007 e Maio de 2008. Desta base de dados foi extraída uma amostra de 82 eventos, observada através de uma abordagem naturalista, com observação simples, directa e não-participante (Lee, 2002; Firmino da Costa, 1999; Anguera, 1997). Para esta etapa recorreremos a uma equipa de jovens estudantes do ensino superior pré e pós-graduado, que partilharam as suas experiências de saídas nocturnas, preenchendo um instrumento de observação estruturada, especialmente concebido para o efeito⁶. Deste modo, a experiência de saída nocturna era descrita pelos observadores em três grandes dimensões: características do evento (espaço físico e urbano em que está integrado, perturbação que gera, percepção sobre comportamento do staff, percepção de dinâmicas e estratégias relativas a segurança, preços praticados, etc.); violência e outros episódios problemáticos (frequência e descrição de todos os episódios observados deste tipo); características dos participantes, ao nível socio-demográfico (características percebidas sobre faixa etária, género predominante no evento, grupos ou subculturas de pertença, etc.) e ao nível dos usos de álcool e outras drogas (descrição das tendências percebidas destes usos entre os frequentadores; descrição de episódios de uso de substâncias directamente observados).

Num primeiro momento, coincidente com o que Glaser e Strauss (1967) designam por *amostragem aberta*, procurou-se a recolha de informação junto da maior diversidade possível de eventos, ocorrendo em simultâneo o processo de análise contínua de dados e monitorização do processo de amostragem; num segundo momento procedeu-se a *amostragem codificada e selectiva* (idem) com vista a aumentar a representação na amostra global, de alguns tipos de eventos sinalizados, com vista à saturação dos dados. Finalmente, pretende-se uma análise individualizada de cada tipologia, com vista a identificar dinâmicas específicas relacionadas sobretudo com estratégias de segurança, usos de álcool e drogas, e violência e outras situações problemáticas.

Em 61% das observações realizadas a permanência no evento foi até um máximo de 3 horas (e em 38% dos eventos, até 6 horas). A observação decorreu entre as 03.00h e as 06.00h em 46% dos eventos, e cobriu eventos que tiveram lugar num

⁶ GOMF – Grelha de Observação em Meio Festivo (Carvalho, 2007)

conjunto de cidades do Norte de Portugal, com especial incidência da cidade do Porto e sua área metropolitana.

III – Resultados

1. Tipologias de eventos

Algumas tipologias de eventos identificadas até ao momento são, no grande grupo dos eventos *indoors*: (i) *clubbing* (eventos que ocupam espaços de lazer nocturno especialmente concebidos para esse efeito, que albergam uma oferta musical variada, desde concertos, DJ's residentes ou DJ's convidados, com uma actividade regular); (ii) *clubbing fechado ou privado* (eventos com características idênticas à tipologia anterior, com a particularidade de terem por público-alvo grupos ou subculturas específicas – por e.g. acesso limitado por *guest-list*, jovens universitários, homossexuais, etnias específicas, etc.); (iii) *afters e recintos urbanos* (eventos de carácter não regular, festas temáticas associadas a géneros específicos da música electrónica que podem ocupar discotecas mas também recintos urbanos que não foram originalmente concebidos para albergar ócio nocturno). No grupo dos eventos em *outdoors* identificamos as seguintes tipologias: (iv) *festas académicas* (eventos anuais de grande afluência, destinados à celebração do final do ano académico, em grandes recintos urbanos de exterior); (v) *festas e festivais de circuito comercial* (eventos amplamente divulgados, com cartaz de concertos promovidos por privados com patrocínios de grande dimensão, com oferta musical dirigida a públicos muito variados, por vezes com duração de vários dias); (vi) *outdoor fechado* (festas de dia único ou festivais de vários dias, promovidos por organizações de pequena envergadura, com oferta musical específica, dirigida a grupos e subculturas específicas, habitualmente fora das zonas urbanas – por e.g. *festas de trance*).

A partir de uma análise qualitativa preliminar, dois critérios emergentes do processo de identificação de tipologias parecem assumir-se como os principais organizadores do meio festivo – o carácter *indoors* (80% dos eventos observados) vs. *outdoors* (20% dos eventos observados), relativo ao espaço físico do evento; e o carácter *underground* vs. *mainstream*, relativo ao espaço físico, público-alvo e tipo de oferta musical. Com este último critério pretendemos designar eventos que, apesar de legais, ocupam espaços que não foram originalmente destinados ao ócio nocturno. Estes espaços podem ser tanto *indoors* (recintos urbanos tais como antigos teatros, instalações

fabris desactivadas, antigos salões de jogos, etc.) como *outdoors* (espaços arborizados, zonas ribeirinhas, etc., habitualmente fora da cidade) - mas poderão ter em comum o facto de inibirem o controlo social informal que é mais típico dos espaços *mainstream*, podendo assim explicar-se uma superior visibilidade dos usos de substâncias nestes contextos.

2. Usos de substâncias observados

Observaram-se usos de substâncias em 45% dos eventos da amostra (n=37), num total de 165 episódios. Nos eventos em que foi registada a presença de usos de substâncias, a percepção do observador foi de que o uso de drogas era elevado (“generalizado”) em 41% dos eventos. Quanto a substâncias/tecnologias de ingestão, e salvaguardando as limitações desta abordagem para aferir desta dimensão, podemos afirmar que 93% dos episódios de uso de substâncias observados são relativos a consumo de cannabis por via fumada; 4% foram episódios de consumo de substâncias em pó diluídas em garrafas de água mineral (presumivelmente anfetaminas, ecstasy ou alucinogéneos); 2% foram episódios de consumo de pastilhas (presumivelmente anfetaminas, ecstasy ou alucinogéneos); e 1% foram episódios de consumo substâncias em pó por via nasal (presumivelmente mdma, anfetaminas ou cocaína).

3. Violência e outras situações problemáticas

Foi recolhido um conjunto de descrições sobre episódios de violência ou outras situações problemáticas directamente observados pelos elementos da equipa. Tais episódios ocorreram em 17% dos eventos observados (n=14), num total de 22 episódios. Estes episódios contemplaram discussões e trocas de insultos sem violência física (48%); agressões físicas (28%); venda de substâncias (14%); interacções sexualmente agressivas (5%); e vandalismo (5%).

IV – Discussão

A principal conclusão que a retirar a partir da etapa da pesquisa em que nos encontramos, tem a ver com sobre a necessidade de continuar a aprofundar a relação entre usos de substâncias e as diversas tipologias de eventos. Salvaguardando o facto de nos encontrarmos numa etapa preliminar de análise dos dados, verificamos que ainda que os usos de substâncias ilícitas não estejam presentes nos contextos recreativos

quando tomados na sua globalidade, parece poder afirmar-se que existem tipos de eventos em que essa generalização dos usos de substâncias se verifica. Em análises próximas procuraremos verificar a possibilidade de que a certas tipologias de eventos, fruto do seu carácter *underground* (dirigidas a públicos específicos) ou da natureza aberta (outdoor) dos espaços que ocupam, se apliquem dinâmicas de “suspensão” do controlo social informal, que justificam uma presença mais saliente dos usos de substâncias ilícitas. No que toca ao tipo de usos de substâncias observados, confirma-se a ausência nos contextos recreativos, dos tipos de usos de substâncias que correspondem à definição tradicional de “consumo problemático”, dado este que surge em consonância com o que tem vindo a ser descrito neste domínio (Calafat, 2001; Martins, Mazzotti & Chilcoat, 2005; Pallarés, Barruti, Espluga, Oró & Canales, 2007). Pelo contrário, damos conta da saliência dos usos de cannabis nos contextos em que o uso de substâncias ilícitas assume maior visibilidade, o que em nosso entender poderá ir em apoio da tese da normalização dos usos de drogas entre a população juvenil (Parker, Aldridge e Measham, 1998).

No que toca a violência e outras situações problemáticas parece-nos merecer destaque a reduzida presença observada de episódios deste tipo dos contextos recreativos da nossa amostra. Este dado é tanto mais saliente, quando contrastado com o facto de no mesmo período de tempo em que decorreu a recolha de dados, terem proliferado nos media, numerosas notícias sobre violência associada aos espaços nocturnos, causadoras de grande alarme social.

Bibliografia

- Agar, M. (2003). Toward a qualitative epidemiology. *Qualitative health research*, 13(7), pp.974-986.
- Agar, M. (1996). Recasting the “ethno” in “epidemiology”. *Medical Anthropology*, 16(4), pp.391-403.
- Agra, C. (1993). Dispositivos da droga – a experiência portuguesa. In C. da Agra (Coord.), *Dizer a droga, ouvir as drogas – estudos teóricos e empíricos para uma ciência do comportamento adictivo*. Porto: Radicário.
- Anguera, M. T. (1997). *Metodologia de la observación en las ciencias humanas*. Madrid: Catedra.
- Aríes, Ph. (1988 [1973]). *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*. Lisboa: Relógio d’Água.

- Azevedo, J. & Fonseca, A. (2006). *Imprevisíveis itinerários de transição escola-trabalho – a expressão de uma outra sociedade*. V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Bourdieu, P. (1984). La jeunesse n'est qu'un mot. *Questions de Sociologie*. Paris: Ed. Minuit.
- Calafat, A. (coord.) (2001). *Night life in europe and recreative drug use – Sonar 98*. Palma de Maiorca: Irefrea e Comissão Europeia.
- Carvalho, M. C. (2007). Culturas juvenis e novos usos de drogas em meio festivo – o *trance psicadélico* como analisador. Porto: Campo das Letras.
- Chaves, M. (2003). Rave: imagens e éticas de uma festa contemporânea. In, G. Cordeiro, L. Baptista e A. Firmino da Costa (orgs.), *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta.
- Coleman, J. S. (1961). *The Adolescent Society*. Glencoe: Free Press.
- Critcher, C. (2000). 'Still raving': social reaction to ecstasy. *Leisure Studies*, 19, 145-162. [Consultado em 03/01/2007, em PsycArticles database].
- Díaz, A., Pallarés, J. & Barruti, M. (2002). *Informe 2001*. Barcelona: Observatori de Nous Consums de Drogues en el àmbit juvenil.
- Díaz, A., Pallarés, J. & Barruti, M. (2004). *Informe 2003*. Barcelona: Observatori de Nous Consums de Drogues en el àmbit juvenil.
- Dobson, S., Brudalen, R. e Tobiassen, H. (2006). Courting risk: the attempt to understand youth cultures. *Young*, 14, 49-59. [Consultado em 20/11/2007, em <http://you.sagepub.com>].
- Duff, C. (2005). Party drugs and party people: examining the 'normalization' of recreational drug use in Melbourne, Australia. *International Journal of Drug Policy*, 16, 161-170. [Consultado em 01/02/2007, em PsycArticles database].
- Duff, C. (2003). Drugs and youth culture: Is Australia experiencing the 'normalisation' of adolescent drug use? *The Journal of Youth Studies*, 6(4), 433-447.
- European Monitoring Centre for Drug Dependency and Addiction/ Observatório Europeu das Drogas e das Toxicodependências. (2001). *Annual Reports*. Lisbon: EMCDDA/OEDT.
- Fernandes, L. e Carvalho, M.C. (2004). *Consumos problemáticos de drogas em populações ocultas* Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- Fernandes, L., Carvalho, M.C. & Tinoco, R. (2004). *Heroína e ecstasy: distâncias e aproximações entre velhas e novas drogas*. Porto: F.P.C.E.U.P. (não publicado)

- Fernandes, L. (2002). *O sítio das drogas*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Fernandes, L. (1990a). *Os pós-modernos ou a cidade, o sector juvenil e as drogas*. Porto: FPCEUP. (Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica).
- Ferreira, V.S. (Coord.) (2006). A condição juvenil portuguesa na viragem do milénio – um retrato longitudinal através de fontes estatísticas oficiais: 1990-2005. [Em linha]. Disponível em <http://juventude.gov.pt/portal/> [Consultado em 18.jan.2007].
- Firmino da Costa, A. (1999 [1986]). A pesquisa de terreno em Sociologia. In A. Santos Silva e J. Madureira Pinto (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- Galland, O. (1997). *Sociologie de la jeunesse*. Paris : Armand Collin/ Masson.
- Gamella, J. e Roldán, A. (1999). *Las rutas del éxtasis*. Barcelona: Ariel.
- Gourley, M. (2004). A subcultural study of recreational ecstasy use. *Journal of Sociology*, 40, 59-71. [Consultado em 20/11/2007, em <http://jos.sagepub.com>].
- Hall, G. Stanley. (1904). *Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education*. New York, Appleton. [Consultado em 02/02/2006, em PsyBooks].
- Hall, S. & Jefferson, T. (1975). *Resistance through rituals – youth subcultures in post-war Britain*. Essex: Hutchinson & Co.
- Ingold, R. e Toussirt, M. (1998). *Le Cannabis en France*. Paris : Anthropos.
- Ingold, François-Rodolphe & Mohammed Toussirt (1994), *La consommation du “crack” à Paris en 1993: données épidémiologiques et ethnographiques*, Paris : Institut de recherche en épidémiologie de la pharmacodépendance (IREP).
- Instituto da Droga e da Toxicodpendência (2005). Relatório Anual 2005. *A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodpendências. Vol. I - Informação Estatística*. Lisboa: IDT.
- Instituto da Droga e da Toxicodpendência (2006). Relatório Anual 2006. *A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodpendências. Vol. I - Informação Estatística*. [Em linha]. Disponível em <http://www.idt.pt/id.asp?id=p2p69p606> . [Consultado em 20/11/2007].
- Institut de Rechercher Epidemiologique en Pharmacodpendance – IREP. (1992). *Approche ethnographique de la consommation de cocaïne à Paris*, Paris : IREP.
- Lee, R. (2002). *Métodos não interferentes em pesquisa social*. Lisboa: Gradiva.
- Martins, S., Mazzotti, G. & Chilcoat, H. (2005). Trends in Ecstasy Use in the United

- States From 1995 to 2001: Comparison With Marijuana Users and Association With Other Drug Use. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 3, 244–252.
- Matos, M. & Equipa do Projecto Aventura Social e Saúde (2006). *Consumo de substâncias nos adolescentes portugueses – Relatório Preliminar*. [Em linha]. Disponível em www.idt.pt . [Consultado em 01/02/2007].
- McRobbie, A. (1993). *Shut up and dance: youth culture and changing modes of femininity*. *Young*, 1, 13-31. [Consultado em 20/11/2007, em <http://you.sagepub.com>].
- Mead, M. 1928. *Coming of Age in Samoa*. New York: Morrow.
- Negreiros, J. (2006). *Comportamentos problema e adaptação escolar: um estudo em escolas do Concelho de Matosinhos*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. (não publicado).
- Negreiros, J. (1997). *Consumo de álcool e drogas nos jovens: estudo epidemiológico no Concelho de Matosinhos*. Matosinhos: Contemporânea Editores.
- Negreiros, J. (1996). *Consumo de álcool e drogas nos jovens: estudo epidemiológico no Concelho de Matosinhos*. Matosinhos: Contemporânea Editores.
- Pallarés, J., Barruti, M., Espluga, J., Oró, D. e Canales, G. (2007a). *Informe 2006*. Barcelona: Observatori de Nous Consums de Drogues en el àmbit juvenil.
- Pallarés, J., Barruti, M., Espluga, J., Oró, D. e Canales, G. (2007b). *Informe 2006*. Barcelona: Sistema de Observación Contínua sobre el Consumo de Drogas entre los Jovenes en Castilla-la-Mancha (SICCAM).
- Pallarés Gómez, J. e Feixa Pampólls, C. (2000). Espacios y itinerários para el ocio Juvenil nocturno. *Revista Estudios de Juventud*, 50, 23-41. [Consultado em 20/11/07, em <http://www.injuve.mtas.es/>].
- Parker, H., Aldridge, J., & Measham, F. (1998). *Illegal leisure: The normalization of adolescent drug use*. London: Routledge.
- Parker, H., Williams, L., & Aldridge, J. (2002). The normalization of sensible recreational drug use: More evidence from the North West England longitudinal study. *Sociology*, 36(4), 941–964. [Consultado em 20/11/2007, em <http://soc.sagepub.com>].
- Pearson, G. (1999). Drugs at the end of the century – editorial introduction. *British Journal of Criminology*, 39(4), 477-487.

- Relvas, J.; Lomba, L. e Mendes, F. (2006). *Novas drogas e ambientes recreativos*.
Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas Lda.
- Sanders, B. (2005). In the club: ecstasy use and supply in a London nightclub.
Sociology, 39(2), 241-258. [Consultado em 20/11/2007, em
<http://soc.sagepub.com>].
- Shildrick, T. (2002). Young people, illicit drug use and the question of normalization.
Journal of youth studies, 5(1), 35-48. [Consultado em 10/01/2006, em
PsycArticles Database].